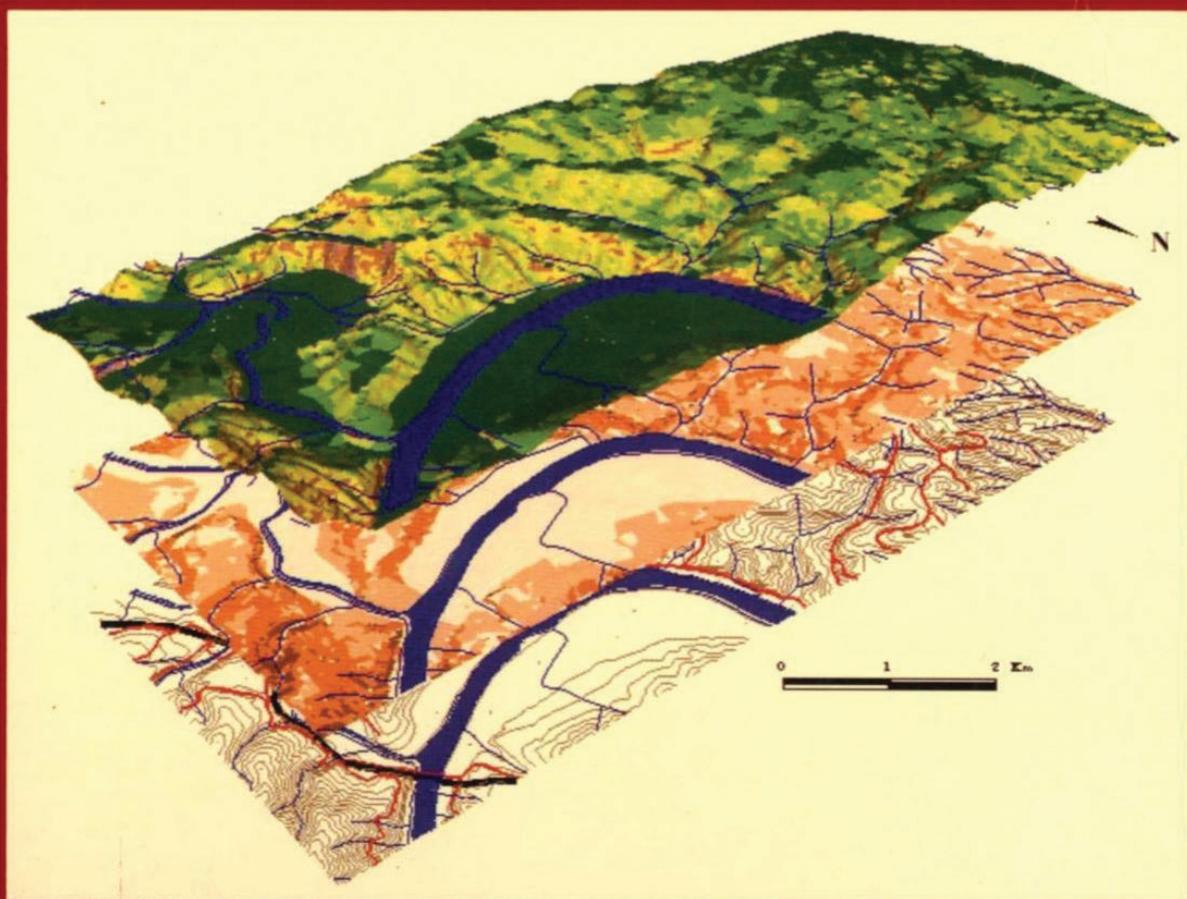


CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS · UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA 2000 N.º 19



TURISMO RELIGIOSO E LAZER: delimitação e aproximação¹

Maria da Graça Mouga Poças Santos²

RESUMO

Com a preocupação de delimitar os principais conceitos teóricos à volta do tema do turismo religioso, propomo-nos caracterizá-lo sumariamente, tentando apurar da sua integração nas noções mais latas de tempo livre e lazer, pretendendo contribuir para a sua distinção face a fenómenos conexos (como peregrinação ou turismo em espaço religioso).

Efectivamente, a realidade actual tem demonstrado o cada vez maior relevo de fenómenos como o das jornadas multifuncionais, nas quais uma mesma deslocação pode servir várias finalidades, ou o dos chamados *packages* turísticos, produtos oferecidos pelas agências de viagem em que se podem incluir várias modalidades de turismo.

Isto mesmo é observável no local em estudo, onde o turista/peregrino apresenta frequentemente um conjunto de finalidades de viagem que vão desde as genuínas motivações de fé, a razões de ordem cultural, balnear, etc..., que se podem encontrar na região envolvente, daqui decorrendo alguma dificuldade em medir inequivocamente as verdadeiras intenções dos visitantes de Fátima.

Palavras-chave: Turismo Religioso. Peregrinação. Lazer. Fátima

RÉSUMÉ

En essayant de délimiter les notions théoriques les plus importantes sur le thème du tourisme religieux, nous nous proposons de faire sa caractérisation synthétique et nous interroger sur son intégration dans les concepts plus vastes de temps libre et loisir, contribuant ainsi pour sa distinction vis-à-vis des phénomènes voisins (comme le pèlerinage ou le tourisme en espace religieux).

En effet, la réalité actuelle a démontré l'importance accrue de phénomènes comme ceux des journées multifonctionnelles, dans lesquelles un seul déplacement peut servir différentes finalités, ou ceux qu'on appelle *packages* touristiques, produit offert par les agences de voyages où l'on peut inclure de diverses formes de tourisme.

Cette situation on peut l'observer dans la ville objet de notre travail, ou le touriste/pèlerin présente souvent un éventail d'objectifs de voyage qui rangent des genuines motivations de foi, à des raisons d'ordre culturel, balnéaire, etc..., rencontrés dans la région environnante, ce qui rend plus difficile de mesurer les vraies intentions des visiteurs de Fátima.

Mots-clés: Tourisme Religieux, Pèlerinage. Loisir. Fátima

ABSTRACT

The general purpose of this paper is the delimitation of religious tourism, establishing its main basic notions and trying to integrate this type of tourism in the broader concepts of free time and leisure, with the aim of contributing to distinguish it from connected phenomena (such as pilgrimage or tourism at a religious space).

¹ Parte deste artigo corresponde à comunicação apresentada no *6th World Leisure Congress* (Bilbau, 3-7/07/2000) intitulada "Fátima: religious tourism in a sanctuary-city".

² Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Leiria. Este tema insere-se na investigação que estamos a desenvolver com vista ao doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob o título "Espiritualidade e Território – Estudo Geográfico de Fátima".

In fact, modern reality has demonstrated the increasing importance of phenomena such as multi-functional journeys, in which the same displacement has several aims, or the packages offered by travel agencies that may include some distinct types of tourism.

These circumstances can be observed in Fátima, where the tourist/pilgrim often has different purposes to undertake this journey, reaching from the genuine faith motivations to cultural, coastal and other forms of tourism offered by this region, and this fact turns even more difficult to measure the real motives of Fátima's visitors.

Key words: Religious Tourism. Pilgrimage. Leisure. Fátima.

NOTA INTRODUTÓRIA

O conhecimento geográfico não pode alhear-se do estudo de problemáticas emergentes como é o caso do turismo religioso, em que a dimensão espacial é uma coordenada fundamental, a par do contexto de tempo livre, e onde a distinção face ao conceito tradicional de peregrinação ou, por exemplo, face à noção de turismo em espaço religioso deve igualmente ser tida em conta. A possível articulação com actividades de lazer realizadas não pode também ser posta de parte liminarmente.

Por outro lado, a motivação religiosa, comparada com a grande diversidade de fins que contribuem para levar os indivíduos a viajar, é considerada por alguns como não turística. Contudo, não devemos esquecer que o próprio conceito de lazer tem sofrido alterações à medida que os padrões sociais e culturais vão evoluindo.

Efectivamente, a realidade actual tem demonstrado o cada vez maior relevo de fenómenos como o das jornadas multifuncionais, nas quais uma mesma deslocação pode servir várias finalidades, ou o dos chamados *packages* turísticos, produto oferecido pelas agências de viagem em que se podem incluir várias modalidades de turismo.

As práticas religiosas são um importante factor de geografia humana na determinação da localização turística. Fátima surge no contexto português como a primeira cidade resultante da função de peregrinação. Esta cidade santuário tem tido um crescimento assinalável, tanto em termos de turismo, como de urbanismo, muitas vezes algo caoticamente.

Isto mesmo é observável no local em estudo, onde o turista/peregrino apresenta frequentemente um conjunto de finalidades de viagem que vão desde as genuínas motivações de fé, a razões de ordem cultural, banear, etc... existentes na região envolvente. Assim, surge a dificuldade de medir as verdadeiras intenções dos visitantes de Fátima.

Começando por apresentar a razão do interesse geográfico do estudo do turismo religioso (1.), e procurando determinar os nexos existentes nas relações entre turismo e religião, através da inclusão de alguns contributos de diferentes autores (1.1.), chegaremos à avaliação dos factores de aproximação e de distinção entre as noções de

peregrinação e de turismo religioso esboçando o seu enquadramento no âmbito das inter-relações entre turismo e religião (1.2.). Uma outra faceta a abordar, corresponde à contextualização do fenómeno turístico-religioso frente aos conceitos de tempo livre e de lazer (2.). Finalmente, antecedendo brevíssimas considerações finais, expor-se-ão a título exemplificativo alguns dados e observações aplicadas a Fátima, nomeadamente quanto à questão da sazonalidade que aqui se manifesta (3.).

1. Turismo religioso como assunto de estudo geográfico

A própria ideia de turismo religioso surge algo controversa, tanto do ponto de vista das autoridades religiosas, como de uma perspectiva académica de estudo do turismo. Se para os primeiros o fenómeno é tido como um certo desvio das puras práticas peregrinacionais, para a análise teórica ele reveste alguma indefinição, quando não é mesmo objecto de rejeição como realidade turística.

Em qualquer caso, tais circunstâncias não devem refrear a abordagem científica destas questões pelos vários ramos das ciências sociais, em cujo contexto o conhecimento geográfico poderá dar o seu contributo específico, nomeadamente através de um olhar dirigido numa perspectiva, em simultâneo, de Geografia da Religião e de Geografia do Turismo. Pelo contrário, tratando-se de uma matéria cuja evolução é constante, em função de novos padrões de comportamento e atitudes face à religião, mais se impõe o seu esclarecimento através de um esforço de investigação interdisciplinar.

É neste enquadramento que se colocam à Geografia várias interrogações: "why and on what basis space is defined as sacred, what implications this designation might have for the use and character of those areas, how believers respond to the idea of sacred space, and how is their response (especially through pilgrimage) reflected in geographical flows and patterns" (PARK, 1994, p. 245).

1.1. Turismo e Religião: interacções e combinações

A confluência dos fenómenos sociais da religião e do turismo dá origem a realidades híbridas, cujo estudo

constitui um campo de reflexão de que seguidamente daremos uma breve nota, através da selecção de alguns contributos não necessariamente geográficos, mas que permitem elucidar o tema que serve de mote ao presente artigo.

Partindo da constatação da natureza difusa do próprio conceito de turismo, no qual podem coexistir tanto uma noção mais tradicional, como situações em que a caracterização de um viajante como turista surge mais periférica, marginal, minimalista ou parcial (COHEN, 1974).

Neste entendimento, o peregrino é uma espécie de turista em *part-time*, e o turismo religioso combina "elements of pilgrimage with those of ordinary tourism" (*idem*, p. 542), podendo esta intersecção conceptual ser representada graficamente (Fig. 1) exemplificando a situação em que o chamado "tourist-pilgrim will pertain to the marginal area of both, the fully-fledged 'tourist' rôle and the fully-fledged 'pilgrim' rôle" (*idem*, p. 549)

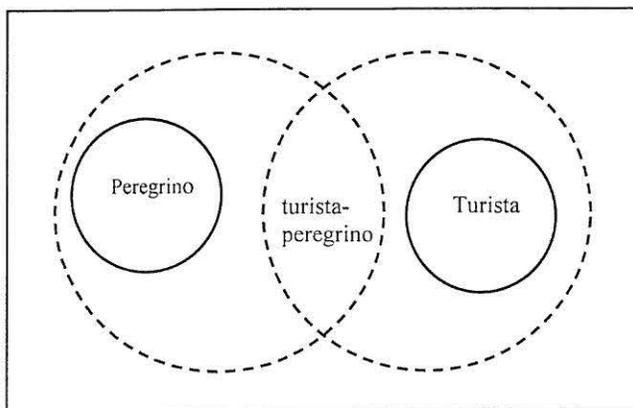


Fig. 1 – Um espaço conceptual simplificado para os papéis dos viajantes

Fonte: COHEN, 1974, p. 548 (adaptado)

Privilegiando uma análise em função do local que constitui o objectivo da viagem (área receptora), o qual representa juntamente com a motivação, como se verá, um dos indicadores fundamentais ao tratar este tema (Fig. 2), é possível efectuar três distinções básicas (NOLAN e NOLAN, 1989).

Numa primeira modalidade, relativa aos santuários de peregrinação, que inclui quatro cenários possíveis, surgem desde logo os lugares ordenados a uma recepção exclusivamente religiosa (Ia), seja em função da ausência de interesses culturais relevantes (ex.: Fátima), seja devido a proibições ou condicionamentos de acesso (ex.: Meca ou Monte Athos na Grécia), ambas as situações com pouca acessibilidade turística.

Seguem-se os santuários que têm grande importância turística (Ib) devido às suas particularidades histórico-culturais e que se distinguem de um outro tipo em que havendo uma combinação entre atracção de turistas e valor espiritual para os crentes (Ic), o mesmo é usado por ambos com igual proveito. Por último (Id), são de mencionar os santuários onde acontecem festividades de periodicidade espaçada com um cunho histórico-religioso (ex.: Santiago de Compostela).

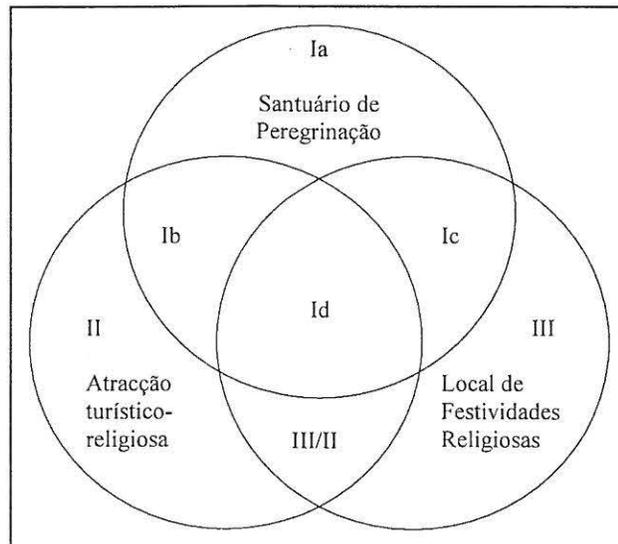


Fig. 2 – Relações entre Santuários, atracções turístico-religiosas e locais de festividades: explicações e exemplos

Fonte: NOLAN e NOLAN, 1989, p. 16

O segundo tipo (II) abrange as situações em que se desenvolve o que os autores citados designam por atracções de turismo religioso, mas que se configuram a nosso ver no plano do turismo em espaço religioso, visto que sendo edifícios religiosos de elevado significado artístico e monumental, atraem um elevado número de visitantes independentemente da sua convicção ou empenhamento religiosos (ex.: Notre Dame de Paris).

Finalmente, como terceira possibilidade temos os lugares onde ocorrem festividades religiosas (III), desde procissões a outros actos de veneração, associados a certos templos, festas do calendário litúrgico ou devoções particulares (ex.: Semana Santa em Sevilha). Quando esta hipótese se cruza com a anteriormente referida pode constatar-se a associação a certos locais de culto de celebrações cívico-religiosas (III/II), de significado nacional.

Uma outra perspectiva (VUKONIĆ, 1996), embora não negando a diferenciação que pode existir entre peregrinação e turismo religioso, procura evitar um tratamento distinto entre ambos, dada a impossibilidade prática de

um observador classificar deste ponto de vista os visitantes de um lugar religioso, de tal modo que se aceita a identificação, neste sentido, entre peregrinação e a noção de turismo religioso ou sacro.

Efectivamente, este autor apresenta um modelo comparativo de análise do turismo religioso (Fig. 3), como segmento unificado dentro da actividade turística, em que se cruzam mutuamente as deslocações turísticas tradicionais (férias), as viagens turístico-religiosas e as outras formas de deslocação turística.

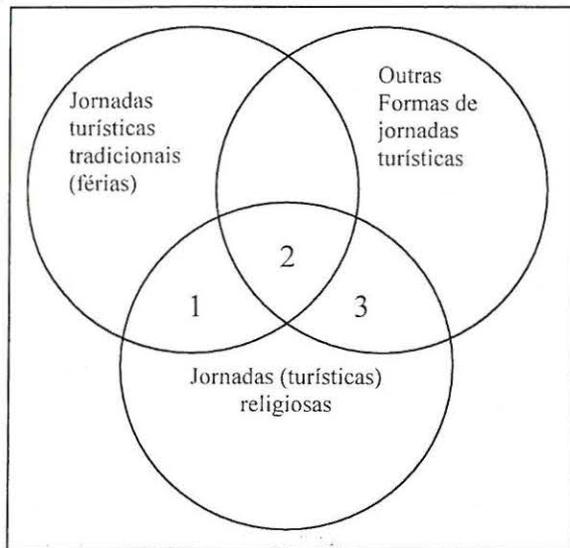


Fig. 3 – Relações entre o turismo religioso e outros segmentos de procura turística

Fonte: VUKONIĆ, 1996, p. 58

Quando as primeiras interagem com as segundas (1), verifica-se o caso em que os indivíduos juntam à finalidade de se proporcionarem um período de repouso, a motivação de visita a certos lugares de cunho religioso, para cumprimento dos seus deveres religiosos durante o tempo de férias; simetricamente, também os viajantes religiosos procedem à satisfação de necessidades comuns dos turistas, a par da motivação principal de cariz espiritual.

Situação de algum modo idêntica se regista quando coincidem numa mesma deslocação motivações religiosas e outras finalidades turísticas (3), sendo estas referentes a modalidades de turismo diferenciadas.

Mais interessante, para a abordagem que estamos a desenvolver, é a circunstância que diz respeito ao entrelaçamento dos três tipos de deslocações acima apresentados (2), que implica a combinação das várias motivações, entre as quais avultam as relativas à dimensão religiosa dos turistas.

1.2. Peregrinação e Turismo Religioso: duas realidades contíguas

Apesar de qualquer preconceito que possa existir acerca deste fenómeno, certo é que o turismo religioso, nas suas várias componentes e nas diferentes modalidades de que se reveste, se tem vindo a impor pela sua dimensão, no contexto do turismo mundial.

Embora de difícil medição, pela ausência de dados estatísticos específicos (tanto a nível nacional como internacional), independentemente dos números que cada santuário ou centro religioso recolhe, têm sido avançadas estimativas que apontam para uma percentagem de cerca de 26% dos fluxos turísticos totais (ICEP, 1997, p. 30)³, o que demonstra a incontornável relevância de um tema que carece de reflexão e aprofundamento.

A noção de turismo religioso desenvolve-se a partir da determinação das motivações dos turistas. É na motivação religiosa da deslocação empreendida que radica a diferenciação desta forma de turismo relativamente a outras⁴.

Com efeito, a religião é um dos factores que conforma o comportamento turístico dos grupos humanos, a par de outros como a idade, a nacionalidade, a formação cultural e intelectual, o meio social, etc. (LANQUAR, 1994). Naturalmente, o grau de importância do religioso, enquanto critério de conduta e fonte de motivação dos turistas, varia consideravelmente.

Dada a óbvia dificuldade da aferição, ou mesmo da simples demonstração, da intensidade dessa motivação religiosa, que se situa ao nível do subjectivo e do psicológico, podemos lançar mão de um critério relativo à própria área receptora, a qual deve ser, ela própria, de natureza religiosa.

³ Para além de alguma desactualização, visto que datam de 1991, estes dados agregam realidades diversas, dentro da designação de turismo religioso, que vão da peregrinação ao turismo em espaço religioso, ressentindo-se portanto da imprecisão terminológica e conceptual que reina neste domínio. A este propósito, já em trabalhos anteriores procurámos alguma clarificação, no sentido de distinguir turismo em espaço religioso, turismo religioso e peregrinação, nesta enfatizando a sua dimensão geográfica, contextualizando-a como experiência religiosa e no âmbito de deslocações multifuncionais (SANTOS, 1999 e 2001).

⁴ Abstraindo aqui de comparações genéricas entre o turismo moderno e as várias formas tradicionais de peregrinação, em que muitas vezes se assimila ou aproxima a experiência turística com a da deslocação ou jornada sagrada que aquela envolve. Por exemplo, pode entender-se que "the flow of tourists to large sport events is equivalent to the historic religious pilgrimage" (GREEN e CHALIP, 1998, p. 276).

Um exemplo particularmente sugestivo deste tipo de áreas é constituído pelos santuários de peregrinação, "conceptualized as especially holy places to which devotees make religiously motivated journeys" (NOLAN and NOLAN, 1989, p. 11).

Podemos encontrar ali tanto os "puros" peregrinos, aqueles cuja motivação é unicamente de carácter religioso – deslocação unifuncional, como outro tipo de visitantes que integram a participação em actos de culto ou celebrações religiosas num itinerário mais alargado, o qual pode incluir deslocações a outros centros de interesse turístico, religiosos ou não, num tipo de jornada que poderíamos classificar de multifuncional.

Neste último caso, os meios de transporte utilizados ou as necessidades de alojamento, por exemplo, não diferem em substância dos que podemos encontrar noutros tipos de turismo.

Assim, pode ser detectada uma certa tendência para o surgimento de novas formas de presença em santuários que nem sempre se reconduzem às expressões paradigmáticas das peregrinações tradicionais, levando ao uso de novas expressões, de carácter compósito, como a de turismo religioso, o que é um indicador das dificuldades de ordem prática "of trying to differentiate, for analytical purposes, the tourist from the pilgrim at a holly place" (BHARDWAJ, 1997, p. 16).

A peregrinação pode ser considerada, usando uma expressão da Linguística, como um *falso amigo* do turismo, pois as semelhanças entre ambos podem induzir em erro (BOYER, 1999), visto que partilham a existência de uma deslocação voluntária e temporária para local fora da residência permanente, a possibilidade de serem factos de massas, a sua natureza de rupturas com o quotidiano, o serem geradores de idênticas consequências económicas, demográficas e urbanísticas,... Afinal, a diferença entre peregrinação e turismo religioso situa-se na própria essência de cada uma e só aí encontraremos a respectiva especificidade.

Daqui decorre a constatação da vantagem de se proceder a um tratamento individualizado de uma e de outro⁵, mas também a inevitável dificuldade em quantificar o respectivo volume e destrinçar as várias *nuanças* e

a diversidade de situações que comporta, na sua larga amplitude, a interacção do turismo com a religião.

Em termos gerais, pode afirmar-se que a fórmula "turismo religioso" tem um conteúdo mais neutro, abrangendo as deslocações (voluntárias, temporárias e não remuneradas) em que se entrelaçam, concomitantemente, as motivações genuinamente religiosas, com outras, que podem ser comuns às várias modalidades de turismo.

Neste sentido, construímos um esboço de quadro enunciativo dos fenómenos resultantes das inter-relações entre Turismo e Religião (Fig. 4), na tentativa de perceber melhor e fundamentar a utilização de algumas das expressões que os podem designar.

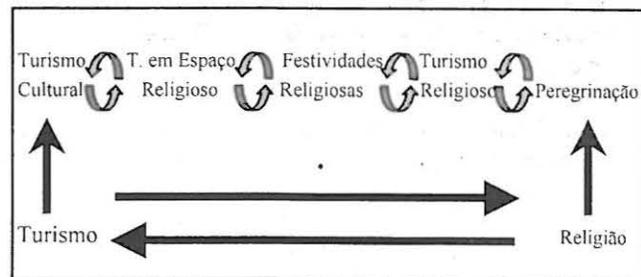


Fig. 4 – Esboço das inter-relações entre Turismo e Religião

Todas estas se referem a realidades distintas e que vão da peregrinação, passando por outros modos de expressão religiosa, até aos diferentes tipos de turismo. Esta discriminação tem por base as variadas intenções que os visitantes apresentam, dizendo portanto respeito a formas intermédias, em que cada um atribui um significado mais ou menos intenso ao espaço, designadamente ao espaço sagrado e, em consequência, vive os territórios⁶ e confere-lhes valor de uso desigual.

Assim, o tipo de apropriação (religiosa, turística,...) que é feita dos lugares varia de acordo com o credo religioso que se perfilha ou grupo social a que se pertence.

Para o *peregrino*, a sua deslocação a um santuário releva apenas do foro espiritual, visando o seu aperfeiçoamento religioso, o cumprimento de votos realizados, o agradecimento por graças recebidas, a participação em

⁵ Em termos de investigação aplicada e de estudo de casos, um dos meios que pode ser utilizado como opção metodológica para suprir as debilidades estatísticas e ultrapassar as dificuldades de destrinçar na prática os turistas religiosos dos peregrinos, é a inserção num inquérito apropriado de itens relativos à motivação religiosa e sua intensidade, nomeadamente perguntando aos visitantes inquiridos se se auto classificam como turistas ou como peregrinos, nas circunstâncias de tempo e de lugar em que se encontram.

⁶ Sabendo que toda a actividade humana se desenrola num dado espaço - que funciona frequentemente como seu suporte territorial e que este é mais ou menos evidente consoante o significado que cada sociedade ou grupo atribui a um determinado local, defendemos um conceito de território religioso, entendido como todo o lugar, ou melhor, conjunto de lugares que, de modo persistente no tempo, é utilizado pelos homens, nas suas práticas religiosas, de tal modo que se torna uma referência simbólica para uma dada comunidade, a qual dele se apropria (SANTOS, 2000).

grandes manifestações religiosas, etc. O próprio peregrino, não se sente como turista e, embora possa usar algumas infra-estruturas turísticas como apoio logístico à sua peregrinação, não tem um comportamento similar ao do turista.

Relativamente aos *turistas religiosos*, a sua posição assemelha-se com a anterior na partilha de uma crença religiosa e na vivência que experimentam no lugar religioso que visitam, mas em quase tudo o mais são verdadeiros turistas, sendo a motivação religiosa o pretexto para empreenderem a viagem, aproveitando frequentemente para conhecer também outros pontos de interesse cultural ou recreacional. Estas deslocações são muitas vezes organizadas por entidades eclesásticas, desenrolando-se em grupo e incluindo a celebração de actos litúrgicos no seu decurso.

Por ocasião de *festas religiosas* tradicionais de maior significado, sobretudo das que assumam uma maior projecção etnográfica ou histórica, muitas vezes a que se associa um programa de eventos profanos, geram-se fluxos turísticos, tanto de motivação religiosa, como com outras intenções. Apresentando uma grande diversidade e possuindo igualmente um poder de atracção muito díspar, estas festividades tanto podem realizar-se em recintos religiosos, como em espaços públicos (v.g., procissões), tendo em comum serem criadoras de uma modalidade que poderíamos designar, por paralelismo com o que iremos tratar de seguida, de turismo em tempo religioso.

Quando o elemento de atractividade de turistas reside num monumento ou noutra forma de património cultural com carácter religioso (catedral, mosteiro,...) podemos estar perante *turismo em espaço religioso*, e essa deslocação apresenta-se-nos reunida a uma intenção intelectual de compreensão de fenómenos religiosos ou, mais comumente, de fruição das expressões estéticas e artísticas que aí se podem encontrar.

Em geral, este tipo de turismo é uma manifestação especial do género *turismo cultural*, em que se faz a promoção de bens culturais muito variados como objecto de oferta turística e permitindo o enriquecimento intelectual. Sendo as religiões, em geral, responsáveis pela maioria da herança arquitectónica e artística concebida pela Humanidade ao longo dos tempos, não se estranhará que grande parte do turismo cultural seja turismo em espaço religioso.

Cada uma das formulações que elencámos resulta de diferentes gradações do binómio sagrado/profano, que vão desde um ponto de intensidade nula de sagrado, num turismo cultural estritamente secular, até um máximo de sacralidade atingida numa situação de peregrinação a um santuário ou centro religioso.

2. Turismo Religioso, tempo livre e lazer

O cruzamento das realidades do tempo livre, do lazer e do turismo religioso levantam várias interrogações particulares já que, pelas especificidades das motivações no âmbito do turismo, a resposta a dar a esta questão não deriva automaticamente da que pode ser formulada relativamente a outras modalidades de actividade turística, carecendo de maior ponderação, devido à envolvente religiosa de que se reveste.

Se no que concerne, por exemplo, ao turismo balnear, desportivo, no espaço rural,... não se oferecerão dúvidas acerca da sua classificação como actividade de lazer ou da sua inserção no campo dos tempos livres, já o turismo religioso, ao qual se costuma associar automaticamente o paradigma da peregrinação, suscita algumas hesitações, pelo menos numa primeira abordagem.

Começemos pelo ponto respeitante ao tempo livre⁷, no qual as várias deslocações religiosamente motivadas se apresentam inseridas, reportando-se ao tempo que sobra após o trabalho. Dentro do tempo livre podemos encontrar períodos (designados como tempo estrangido) afectos à satisfação das necessidades básicas, mas também ao cumprimento de deveres de ordem social, familiar, cívica, religiosa,...

É por esta ordem de razões que os peregrinos, actuando na convicção da observância de uma obrigação religiosa, utilizam uma porção do seu tempo extra-trabalho para se deslocarem a um centro de peregrinação e aí participarem em actos de culto ou realizarem outras manifestações de fé. Neste sentido, uma peregrinação não pode ser classificada como actividade de lazer.

No entanto, nem sempre é possível tratar de modo tão linear esta problemática, uma vez que o lazer envolve uma ampla margem de liberdade de escolha⁸, gerida de acordo

⁷ Na nossa tese de mestrado, apresentámos uma resenha de algumas acepções possíveis acerca deste conceito; já na altura tivemos ocasião de afirmar “que a problemática mais interessante é a experiência individual dos tempos livres, não em relação com o horário de trabalho mas sim face às possibilidades dos tempos disponíveis, visando objectivos que os próprios indivíduos consideram como libertadores” (SANTOS, 1996, p. 37).

⁸ Esta liberdade de escolha situa-se ao nível da opção concreta por uma certa ocupação do tempo de lazer, enquanto que, quando existe um dever religioso, como no caso da peregrinação, a liberdade individual, se for esse o caso (não esquecer as situações históricas ou actuais de ausência de liberdade religiosa), encontra-se no momento de adesão a um determinado credo, da qual decorrem certas obrigações (de que a *haji* - dever de todo o muçulmano se deslocar pelo menos uma vez na vida a Meca - é um exemplo sugestivo).

com as aspirações individuais, estilos de vida, criatividade, etc. com uma variedade imensa de modalidades e cambiantes de práticas de lazer que derivam da multiplicidade de motivações das pessoas.

Aliás, é primordialmente no contexto motivacional que devemos situar a diferenciação entre turismo e peregrinação, visto que em termos de elementos exteriores tal esforço resultará particularmente difícil, tendo em atenção que "common aspects between pilgrimage and recreational tourism are definitely the seasonality, the great economic importance, a local surplus in the tertiary sector, a high occupancy rate, camping capacity and good interregional connections" (RINSCHÉDE e SIEVERS, 1987, p. 215).

Contextualizando desta forma as questões a que nos vimos referindo e tendo em atenção a Figura 4, verifica-se que, com a excepção supra assinalada (peregrinação), todas as outras realidades ali representadas se enquadram também num tempo de lazer e podem ser consideradas como experiências de lazer, a par de outras mais comuns.

Genericamente, as relações entre o elemento espiritual do Homem e a sua componente de *homo ludens* radicam na não exclusão mútua e até num efeito de intensificação recíproca. Por exemplo, a participação numa festa de natureza religiosa pode abarcar uma tripla dimensão: espiritual, social/familiar e recreativa (UMBELINO, 1999), vertentes que são complementares entre si.

Muitas vezes, a festividade religiosa pode ser um pretexto para uma realização em que se juntam o profano e o sagrado, numa realidade abrangente e flexível, que de algum modo justifica o lazer e a recreação.

Também a realização de grandes manifestações de natureza religiosa pode contribuir para o desenvolvimento do turismo, em termos nem sempre convenientemente valorizados, mas que se podem comparar aos que se verificam com a organização dos chamados mega-eventos desportivos ou culturais (como por exemplo, campeonatos de futebol, jogos olímpicos, exposições mundiais, festivais de música,...).

A propósito de Barcelona, LÓPEZ PALOMEQUE (1995) recorda a semelhança do impacte dos Jogos Olímpicos de 1992 com o do Congresso Eucarístico Internacional, realizado naquela cidade em 1952, para a melhoria das condições de acolhimento aos turistas, em termos de capacidade hoteleira, infra-estruturas de apoio, etc., concluindo que "sin duda, esta gran efeméride religiosa internacional sirvió para reformar la Ciudad Condal, para promocionar su imagen y para modernizar y ampliar su planta hotelera" (p.130).

O tempo de lazer, consideravelmente alargado na época actual, está também ligado à crescente mobilidade humana. Aliás, a própria peregrinação, entendida nos

moldes clássicos (embora não se podendo considerar, como já referido, enquanto actividade de lazer), sempre implicou deslocações no espaço, muitas vezes em percursos bastante longos, tendo sido durante séculos uma assinalável excepção num panorama de sedentariedade do homem.

Hoje, sendo a mobilidade uma constante das sociedades mais desenvolvidas, os fins-de-semana (alargados ou não) e os períodos de férias são o tempo mais aproveitado para todo o tipo de lazeres, onde as práticas religiosas, em geral, e o turismo religioso, em particular, assumem um papel de relevo para muitos indivíduos.

Assiste-se, portanto, a uma transposição tendencial da vida espiritual para o tempo livre, o qual se tornou, conseqüentemente, "a space for the contemplative and the creative, a unity of thought and action" (VUKONIC, 1996, p. 8). Para além disso, e talvez menos evidente à primeira vista, a vertente religiosa do homem não deve ser encarada como estando em oposição a um tempo de lazer que é essencial à sua realização plena e ao desenvolvimento da sua personalidade.

Pelo contrário, "leisure time, the part of free time in which people will express their most intimate inclinations and devote themselves only to that which satisfies them completely" (*idem*, p. 9), o que se traduz numa ocupação de lazer não meramente efectuada através de actividades de pura recreação ou descanso. De facto, embora por vezes se entenda lazer e recreação como sinónimos, esta não é senão uma parte daquele.

Verifica-se, deste modo, uma evolução da realidade das práticas de lazer que o próprio conceito deste não pode deixar de abarcar, à medida que se vão registando modificações nos *standards* sociais e culturais e se assiste a metamorfoses (tanto de ordem qualitativa, como quantitativa) que, se tornam o fenómeno do lazer mais complexo e multifacetado, também o enriquecem e aumentam o seu significado.

Com efeito, sendo o lazer entendido cada vez mais como um factor indispensável para o bem-estar das pessoas, seria muito redutor restringir este apenas aos seus elementos físicos ou intelectuais, esquecendo uma dimensão espiritual que constitui uma constante e um valor para uma boa parte da humanidade.

É neste âmbito que se coloca a preocupação das autoridades religiosas para com os valores espirituais do turismo, consubstanciada na chamada Pastoral do Turismo, na procura de uma resposta à interrogação sobre "quelles sont les valeurs qui peuvent retenir l'attention du touriste et l'amener à une réflexion religieuse, spirituelle ou idéologique durant le temps de ses vacances?" (LANQUAR, 1994, p.52).

Em termos de prospectiva, podemos discutir qual irá ser o papel das actividades religiosas num contexto de lazer, independentemente do tempo deste vir ou não a aumentar substancialmente. Um facto parece razoável supor: caminhando para uma menor massificação das actividades e dos contextos de lazer e exigindo-se cada vez mais a personalização das mesmas, adequando-as aos gostos, necessidades e características próprias das pessoas individualmente consideradas, então talvez a dimensão espiritual do homem se reflecta, nomeadamente, num aumento da procura do turismo religioso.

Provavelmente, esta redescoberta do espiritual enquanto fonte de bem-estar e de equilíbrio far-se-á aliando motivações de vários tipos e segundo fórmulas não tradicionais de que hoje somente começamos a adivinhar os contornos.

3. Fátima: algumas notas sobre peregrinação, turismo e lazer num contexto de sazonalidade em mutação

A força dos fenómenos de raiz religiosa é bem exemplificada pelo caso de Fátima, que em pouco mais de oito décadas viu transformar-se um espaço serrano, desabitado e dedicado à pastorícia, num centro urbano onde se estima que afluam anualmente cerca de 4 a 5 milhões de visitantes.

Estamos, pois, perante um exemplo único em Portugal de uma cidade criada em consequência de um facto religioso e como suporte deste. A função religiosa é, portanto, matricial na génese e desenvolvimento da cidade de Fátima (estatuto jurídico-administrativo que lhe foi conferido em 1997), o que faz dela uma verdadeira cidade santuário.

Qualquer que seja o critério escolhido para aferir a importância deste santuário, como por exemplo os indicadores relativos à dimensão, tamanho da área de influência ou número total de visitantes (NOLAN e NOLAN, 1989), sempre terá que concluir-se pelo elevado significado religioso de Fátima, nacional e mundialmente.

Na realidade, o Santuário (e, mais especificamente, a Capelinha) não é apenas o sítio inicial a partir do qual se estruturou o aglomerado urbano, mas é a sua própria razão de ser, pois praticamente toda a cidade serve de apoio (casas religiosas, hotelaria, restauração, comércio, etc.), aos numerosos peregrinos e turistas que ali acorrem.

Tendo nascido como centro de peregrinação, Fátima foi-se tornando a pouco e pouco e sem perder aquela vocação inicial, um pólo de atracção de turismo religioso, ali afluindo, a par de numerosos peregrinos, muitos grupos de turistas religiosos de um grande número de nacionalidades de todo o mundo católico.

Este efeito cruzado tem conduzido a uma atitude por parte das autoridades do Santuário que se complementa com uma estratégia definida pelas entidades promotoras do turismo regional.

Enquanto do ponto de vista das primeiras o objectivo é a transformação daquele que chega como turista num verdadeiro peregrino, proporcionando-lhe a necessária assistência espiritual, os órgãos de turismo visam aproveitar os vastos caudais de peregrinos que ali se dirigem para, procurando oferecer-lhes atractivos que os retenham mais algum tempo na região, potenciar o desenvolvimento da actividade turística em outras localidades próximas de Fátima.

Existem num raio de poucas dezenas de quilómetros vários elementos de interesse turístico: Mosteiros de Alcobaça e Batalha, Castelos de Ourém, Leiria e Porto de Mós, praias como S. Pedro de Moel ou Nazaré, estâncias termais como Monte Real, ou ainda Tomar e Coimbra. Todos eles oferecem razões para um prolongamento da estada na região, antes ou depois da visita ao Santuário.

Quando nos referimos anteriormente a viagens multifuncionais (correspondendo à diversidade de motivações dos indivíduos) tínhamos em mente realidades como esta, cada vez mais frequentes. A este respeito, pode traçar-se a área de influência turística, a partir de Fátima (ver Fig. 5).

Por outro lado, recentemente tem vindo a assistir-se a uma oferta de actividades de lazer em Fátima e nos arredores, a qual não releva tanto das práticas que concretamente propicia, mas pela mudança que permite detectar no perfil dos visitantes de Fátima ou das suas preferências e interesses. Assim, desde o museu de cera sobre as aparições até a um parque de desportos radicais e de *karting*, passando por um local dedicado à observação de pegadas de dinossauros, as alternativas para a fruição do lazer são cada vez mais variadas.

O exemplo de Fátima é bem a demonstração de que nas sociedades contemporâneas se verifica uma “competição” entre actividades ou práticas religiosas e as de carácter recreativo para o preenchimento dos tempos livres, particularmente ao fim-de-semana.

De algum modo ligada a esta questão, está uma modificação do tipo de sazonalidade⁹, a qual se aproxima do ritmo das actividades turísticas em geral, e de alguma atenuação da mesma, uma vez que a sazonalidade tem diminuído por causa do facto de as práticas religiosas

⁹ Em consequência de as principais peregrinações, designadas como peregrinações aniversárias por corresponderem às seis aparições (de 13 de Maio a 13 de Outubro), terem lugar em dias específicos ao longo de seis meses em cada ano, toda a actividade de apoio aos peregrinos e turistas era marcada por uma sazonalidade particular deste centro de peregrinação.

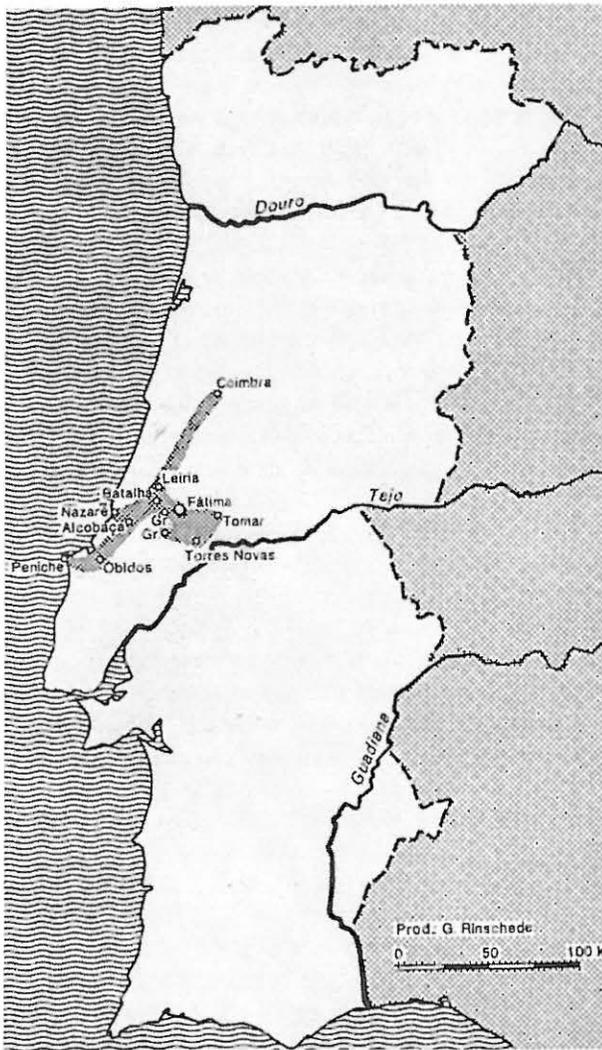


Fig. 5 - Destinos turísticos mais frequentes a partir de Fátima (1986)

Fonte: RINSCHÉDE, 1988, p. 92

terem passado a ser desenvolvidas preferencialmente no período de tempos livres (v.g. fins-de-semana e férias), de acordo com uma tendência genérica neste sentido e já não apenas nas datas em que tal era tradicional. Esta circunstância tem a virtualidade de potenciar novas perspectivas de desenvolvimento do turismo, em bases mais sustentadas.

Efectivamente, na tentativa de avaliar alguns padrões e tendências no domínio da sazonalidade, diligenciámos a obtenção dos dados disponíveis mais recentes que nos permitissem alcançar tal objectivo, tendo lançado mão e tratado os números (ver quadros em Anexo) relativos a peregrinos nacionais e estrangeiros enquadrados em pere-

grinações organizadas ao Santuário de Fátima (quadros I e II), ao movimento de turistas nacionais e estrangeiros que utilizaram os serviços do Posto de Informação e Turismo local da R.T.L.F. (quadros III e IV) e, as entradas de veículos no nó de Fátima da auto-estrada A1, fornecidos pela BRISA (quadros V a VII)¹⁰.

Da análise conjugada dos quadros referidos e respeitantes a estas três fontes é possível constatar que, conquanto se verifiquem fluxos com algum relevo ao longo de quase todo o ano, é patente a existência de dois *eixos* em torno dos quais se desenvolvem os movimentos mais significativos de visitantes (apesar da dificuldade de recortar reciprocamente um e outro, pela sua sobreposição temporal): *estação religiosa* e férias de Verão.

Desde logo, de Maio a Outubro, no decorrer do calendário das chamadas peregrinações aniversárias, que traça o que poderíamos considerar a *estação religiosa* tradicional em Fátima, mas também, com crescente expressão ou peso, durante o período das férias de Verão, o que corresponde a novos padrões de comportamento sócio-religioso associados à evolução da dimensão e das formas de ocupação dos tempos livres.

Ao observarmos, por exemplo, os quadros I e II concluímos que se no que concerne aos peregrinos nacionais os meses de Maio e Outubro representam aproximadamente 1/4 do total anual, os meses de Junho a Agosto têm uma importância correspondente a cerca de metade desse total. Esta proporção aparece ainda mais acentuada nas peregrinações organizadas estrangeiras, em que os peregrinos incluídos nestas se traduzem num valor, para os mesmos meses de Verão, que ronda os 2/3 do total anual.

Situação idêntica se reconhece na apreciação do movimento de turistas registado no posto de turismo de Fátima (quadros III e IV), em que o mês de Agosto se destaca claramente como o *pico* na procura de informações turísticas sobre o local e a região, indiciando porventura a presença, como já assinalámos anteriormente, do turismo religioso e das jornadas multifuncionais.

Na mesma linha podemos interpretar os quantitativos respeitantes às saídas de veículos no nó de Fátima da A1, sem dúvida a via de comunicação mais usada para aceder a esta cidade, os quais apontam (quadros V, VI e VII)

¹⁰ Esta empresa apenas considera fiáveis os dados existentes a partir de 1996 e, mesmo assim, de modo incompleto uma vez que se referem somente ao tráfego relativo à *via verde*, pelo que nos reportaremos exclusivamente aos números desde 1998 (*inclusive*); para analisar a proporção do movimento dos visitantes de Fátima aos fins-de-semana, dispomos unicamente de dados da BRISA no que toca também à *via verde* e mesmo este apenas a partir de 1998.

exactamente no mesmo sentido do já exposto, o que consolida a opinião expandida.

Estas informações, ao invés das anteriores, que são omissas a esse respeito, estão elaboradas (infelizmente dizendo respeito tão só à *via verde* - visto que não são elaboradas contagens para a via manual, o que desde logo praticamente exclui boa parte dos turistas estrangeiros, emigrantes e de muitos outros utentes que não dispõem daquela facilidade) de modo a permitir discriminar os números correspondentes aos fins-de-semana.

Tal particularidade, embora relativa apenas aos visitantes que chegam a Fátima por via rodoviária, é a única contagem disponível para avaliar o contraste entre os fluxos verificados nos dias úteis e os ocorridos nos sábados e domingos de cada mês e assim confirmar ou não a hipótese de trabalho de que partimos, ou seja, de que estaria a desenvolver-se uma alteração qualitativa e quantitativa nos hábitos dos visitantes daquele Santuário.

Analisando os números inseridos nos quadros citados, com as devidas cautelas (nomeadamente, porque o tráfego da *via verde* ao fim-de-semana significa apenas cerca de 10% do total do movimento), constata-se que os mesmos representam cerca de 70% para a via manual e de 30% para a *via verde*.

São, portanto, estes últimos que constituem a base para o nosso comentário, e sobre os quais é possível apenas mencionar o facto de não se detectar um acréscimo muito significativo relativamente aos dias úteis (rondando os 10% na maioria dos meses). Apesar de tudo, compulsando os dados percentuais respectivos resulta que o tráfego de fim-de-semana detêm uma proporção que se aproxima de cerca de 1/3 do total mensal. Esta tendência é reafirmada nos valores mais recentes que nos foram disponibilizados relativos aos primeiros nove meses do ano 2000.

NOTA FINAL

Nem sempre é fácil compreender, medir e explicar os fenómenos humanos em que se inclui uma componente espiritual, não apenas porque ela se projecta sobretudo enquanto realidade subjectiva e interiorizada, de que a dimensão pública ou social (isto é, objectiva e exteriorizada) não é senão uma parte. Tais obstáculos não devem fazer-nos renunciar à tentativa de compreensão, medição e explicação científicas de realidades de inegável alcance como é o caso dos factos religiosos.

Estes situam-se a uma escala que se confunde com a pessoa, mesmo quando envolvem multidões e que, embora frequentemente se realizem num lugar sagrado e num território demarcado por uma dada comunidade

religiosa, não se reconduzem ao elemento estritamente material que aqueles também possuem, sobrelevando as suas características simbólicas.

Na matéria que nos propusemos abordar a pedra de toque é constituída pela motivação ou complexo de motivações, na medida em que são estas que presidem tanto às deslocações turísticas como às diferentes práticas de lazer e que, na sua articulação recíproca (re)produzem uma rede de variáveis onde se integram, no caso em apreço, as formas com que se exprime o triângulo religião (motivação) / turismo (deslocação) / lazer (ocupação).

Fátima é um exemplo interessante desta realidade triangular, prova da modernidade e complexidade do fenómeno em estudo, com o impressionante número de visitantes e o seu objectivo de ser o *altar do mundo* enfatizado pela recente visita (12 e 13 de Maio de 2000) do Papa João Paulo II na beatificação dos dois pastorinhos videntes. Este evento provavelmente reforçará Fátima enquanto pólo de atracção de peregrinos e turistas religiosos.

Uns e outros continuarão a integrar as nossas prioridades de investigação, enquanto protagonistas de um movimento humano, cujos contornos, modalidades e impactes não podem ser indiferentes à ciência geográfica.

Referências Bibliográficas:

- BHARDWAJ, S. M. (1997) - "Geography and Pilgrimage: a review". *Sacred Places, Sacred Spaces - The Geography of Pilgrimage*. Baton Rouge. Louisiana State University, pp. 1-23.
- BOYER, Marc (1999) - *Le Tourisme de L' An 2000*. Lyon, Press Universitaires de Lyon, 265 p.
- COHEN, Erik (1974) - "Who is a tourist? A conceptual clarification". *The Sociological Review*, 22(4), pp. 527-555.
- GREEN, C.; CHALIP, L. (1998) - Sport tourism as the celebration of subculture. *Annals of Tourism Research*, 25(2), pp. 275-291.
- ICEP (1997) - "Turismo Religioso". *Turismo-Mercados Emissores*, n.º 12, pp. 30-33.
- LANQUAR, Robert (1994) - *Sociologie du tourisme et des voyages*. Col. "Que sais-je?", Paris, P.U.F., n.º 2213.
- LÓPEZ PALOMEQUE, F. (1995) - "La estrategia del turismo metropolitano: el caso de Barcelona". *Estudios Turísticos*, n.º 126, pp. 119-141.
- NOLAN, M. L.; NOLAN, S. (1989) - *Christian Pilgrimage in Modern Western Europe*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 422 p.

- PARK, Chris C. (1994) - *Sacred Worlds – An Introduction to Geography and Religion*. London, Routledge, 332p.
- RINSCHEDI, Gisbert; SIEVERS, Angelika (1987) - “The Pilgrimage phenomenon in socio-geographical research”. *The National Geographical Journal of India*, September, vol. 33(3), pp. 213-217.
- RINSCHEDI, Gisbert (1988) - “The Pilgrimage Center of Fátima/Portugal”. *Geographia Religionum*, Berlin, Band 4, 65-98.
- SANTOS, M^a da Graça Mouga Poças (1996) - *A Residência Secundária no âmbito da Geografia dos Tempos Livres - análise comparativa dos casos de S. Pedro de Moel e Praia da Vieira*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 318 p.
- SANTOS, M^a da Graça Mouga Poças (1999) - “A importância do Santuário de Fátima no contexto Ibérico: breve olhar geográfico”. *VIII Colóquio Ibérico de Geografia - Actas*. Lisboa, Volume I, pp. 394-402.
- SANTOS, M^a da Graça Mouga Poças (2000) - “Nas margens de um território religioso: contradições espaciais de Fátima”. *I Colóquio - Território e Trajectórias de Desenvolvimento*, Coimbra, 13/04/2000, (no prelo).
- SANTOS, M^a da Graça Mouga Poças (2001) - “A Propósito das Peregrinações da Diocese de Coimbra ao Santuário de Fátima: notas de Geografia da Religião”. *Actas do II Colóquio de Geografia de Coimbra. Cadernos de Geografia*, Coimbra, n.º especial, pp. 147-153.
- UMBELINO, Jorge (1999) - *Lazer e Território*. Lisboa: Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional. Série Estudos nº 1, 212 p.
- VUKONIĆ, Boris (1996) - *Tourism and Religion*. Great Britain: Pergamon, 208 p.

ANEXO

Quadro I - Peregrinos, em peregrinações organizadas nacionais e estrangeiras, por meses (1998)

Meses	Nacionais	%	Estrangeiras	%	Total	%
Jan	543	0,1%	238	0,1%	781	0,1%
Fev	1.647	0,3%	1.016	0,6%	2.663	0,4%
Mar	38.808	8,2%	2.137	1,3%	40.945	6,4%
Abr	9.148	1,9%	7.171	4,3%	16.319	2,5%
Mai	57.966	12,2%	17.529	10,5%	75.495	11,8%
Jun	234.729	49,6%	18.324	10,9%	253.053	39,5%
Jul	25.882	5,5%	12.768	7,6%	38.650	6,0%
Ago	5.923	1,3%	75.227	44,9%	81.150	12,7%
Set	39.452	8,3%	15.094	9,0%	54.546	8,5%
Out	48.896	10,3%	14.842	8,9%	63.738	9,9%
Nov	7.785	1,6%	2.533	1,5%	10.318	1,6%
Dez	2.679	0,6%	792	0,5%	3.471	0,5%
Totais	473.458	100,0%	167.671	100,0%	641.129	100,0%

Fonte: Serviço de Peregrinos do Santuário de Fátima (SEPE)

Quadro II - Peregrinos, em peregrinações organizadas nacionais e estrangeiras, por meses (1999)

Meses	Nacionais	%	Estrangeiras	%	Total	%
Jan	556	0,1%	127	0,1%	683	0,1%
Fev	7.346	1,7%	1.264	0,6%	8.610	1,3%
Mar	39.445	9,3%	2.559	1,1%	42.004	6,4%
Abr	9.646	2,3%	10.630	4,6%	20.276	3,1%
Mai	63.705	15,0%	19.111	8,4%	82.816	12,6%
Jun	157.578	37,0%	10.176	4,5%	167.754	25,6%
Jul	29.404	6,9%	12.073	5,3%	41.477	6,3%
Ago	8.553	2,0%	138.026	60,4%	146.579	22,4%
Set	49.557	11,6%	15.644	6,8%	65.201	10,0%
Out	48.172	11,3%	14.864	6,5%	63.036	9,6%
Nov	8.640	2,0%	2.757	1,2%	11.397	1,7%
Dez	3.477	0,8%	1.431	0,6%	4.908	0,7%
Totais	426.079	100,0%	228.662	100,0%	654.741	100,0%

Fonte: SEPE, Fátima

Quadro III - Movimento de turistas nacionais e estrangeiras no posto de turismo de Fátima, por mês (1998)

Meses	Nacionais	%	Estrangeiras	%	Total	%
Jan	204	4,2%	271	1,6%	475	2,2%
Fev	257	5,3%	446	2,7%	703	3,3%
Mar	297	6,1%	748	4,5%	1.045	4,8%
Abr	349	7,2%	1.096	6,5%	1.445	6,7%
Mai	508	10,5%	1.738	10,4%	2.246	10,4%
Jun	461	9,5%	1.905	11,4%	2.366	10,9%
Jul	460	9,5%	2.332	13,9%	2.792	12,9%
Ago	965	19,9%	3.987	23,8%	4.952	22,9%
Set	413	8,5%	2.203	13,1%	2.616	12,1%
Out	431	8,9%	1.389	8,3%	1.820	8,4%
Nov	203	4,2%	353	2,1%	556	2,6%
Dez	300	6,2%	311	1,9%	611	2,8%
Totais	4.848	100,0%	16.779	100,0%	21.627	100,0%

Fonte: Posto de Informação e Turismo de Fátima, Região de Turismo de Leiria-Fátima (R.T.L.F.)

Quadro IV - Movimento de turistas nacionais e estrangeiras no posto de turismo de Fátima, por mês (1999)

Meses	Nacionais	%	Estrangeiras	%	Total	%
Jan	167	2,6%	447	3,2%	614	3,0%
Fev	457	7,1%	274	2,0%	731	3,6%
Mar	885	13,8%	326	2,4%	1.211	6,0%
Abr	588	9,2%	1.352	9,8%	1.940	9,6%
Mai	727	11,3%	1.437	10,4%	2.164	10,7%
Jun	409	6,4%	1.222	8,9%	1.631	8,1%
Jul	651	10,2%	1.858	13,5%	2.509	12,4%
Ago	967	15,1%	2.798	20,3%	3.765	18,7%
Set	367	5,7%	1.206	8,8%	1.573	7,8%
Out	446	7,0%	1.768	12,8%	2.214	11,0%
Nov	420	6,6%	627	4,6%	1.047	5,2%
Dez	327	5,1%	460	3,3%	787	3,9%
Totais	6.411	100,0%	13.775	100,0%	20.186	100,0%

Fonte: P.I.T. de Fátima, R.T.L.F.

Quadro V - Número de veículos saídos na portagem de Fátima A1 (total, via manual e via verde), por mês, para 1998

Meses	Total	%	Total Via Manual	%	Total Via Verde	%	Via Verde Fim Sem.	%
Janeiro	68.507	5,4%	47.227	5,2%	21.280	6,1%	6.503	30,6%
Fevereiro	69.749	5,5%	47.631	5,2%	22.118	6,4%	6.891	31,2%
Março	83.107	6,6%	56.849	6,2%	26.258	7,5%	8.891	33,9%
Abril	85.685	6,8%	59.187	6,5%	26.498	7,6%	7.716	29,1%
Maiο	112.781	8,9%	80.068	8,8%	32.713	9,4%	11.924	36,5%
Junho	107.952	8,6%	78.852	8,6%	29.100	8,4%	8.879	30,5%
Julho	120.905	9,6%	91.385	10,0%	29.520	8,5%	8.907	30,2%
Agosto	196.367	15,6%	164.980	18,1%	31.387	9,0%	11.058	35,2%
Setembro	126.531	10,0%	94.279	10,3%	32.252	9,3%	10.823	33,6%
Outubro	114.969	9,1%	79.367	8,7%	35.602	10,2%	13.050	36,7%
Novembro	86.609	6,9%	55.751	6,1%	30.858	8,9%	10.932	35,4%
Dezembro	88.436	7,0%	58.036	6,4%	30.400	8,7%	8.206	27,0%
Total	1.261.598	100,0%	913.612	72,4%	347.986	27,6%	113.780	32,7%

Fonte: BRISA

Quadro VI - Número de veículos saídos na portagem de Fátima A1 (total, via manual e via verde), por mês, para 1999

Meses	Total	%	Total Via Manual	%	Total Via Verde	%	Via Verde Fim Sem.	%
Janeiro	74.890	5,5%	47.821	5,2%	27.069	7,8%	8.748	32,3%
Fevereiro	77.610	5,7%	49.082	5,4%	28.528	8,2%	9.417	33,0%
Março	87.111	6,4%	54.107	5,9%	33.004	9,5%	9.977	30,2%
Abril	97.427	7,1%	63.124	6,9%	34.303	9,9%	10.627	31,0%
Maiο	126.414	9,2%	83.464	9,1%	42.950	12,3%	16.316	38,0%
Junho	116.905	8,5%	77.922	8,5%	38.983	11,2%	12.640	32,4%
Julho	131.290	9,6%	92.250	10,1%	39.040	11,2%	13.466	34,5%
Agosto	209.787	15,3%	168.649	18,5%	41.138	11,8%	12.971	31,5%
Setembro	126.301	9,2%	85.821	9,4%	40.480	11,6%	13.444	33,2%
Outubro	124.935	9,1%	80.142	8,8%	44.793	12,9%	16.820	37,6%
Novembro	96.459	7,0%	58.181	6,4%	38.278	11,0%	11.778	30,8%
Dezembro	101.425	7,4%	63.052	6,9%	38.373	11,0%	9.491	24,7%
Total	1.370.554	100,0%	923.615	67,4%	446.939	32,6%	145.695	32,6%

Fonte: BRISA

Quadro VII - Número de veículos saídos na portagem de Fátima A1 (total, via manual e via verde), por mês, para 2000

Meses	Total	%	Total Via Manual	%	Total Via Verde	%	Via Verde Fim Sem.	%
Janeiro	92.018	7,6%	55.114	6,0%	36.904	10,6%	12.574	34,1%
Fevereiro	91.472	7,6%	52.656	5,8%	38.816	11,2%	12.649	32,6%
Março	103.104	8,5%	59.480	6,5%	43.624	12,5%	12.872	29,5%
Abril	114.976	9,5%	69.266	7,6%	45.710	13,1%	17.254	37,7%
Maiο	146.511	12,1%	89.562	9,8%	56.949	16,4%	18.371	32,3%
Junho	134.426	11,1%	83.671	9,2%	50.755	14,6%	17.467	34,4%
Julho	150.292	12,5%	99.986	10,9%	50.306	14,5%	18.833	37,4%
Agosto	226.703	18,8%	174.919	19,1%	51.784	14,9%	14.797	28,6%
Setembro	146.874	12,2%	94.287	10,3%	52.587	15,1%	19.630	37,3%
Outubro	-	-	-	-	-	-	-	-
Novembro	-	-	-	-	-	-	-	-
Dezembro	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	1.206.376	100,0%	778.941	64,6%	427.435	35,4%	144.447	33,8%

Fonte: BRISA